

UMA DISCUSSÃO SOBRE O IDEAL DE AMOR ROMÂNTICO NA CONTEMPORANEIDADE: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa

A DISCUSSION ON THE IDEAL OF ROMANTIC LOVE IN CONTEMPORARY: Romanticism standards of Mass Culture

MARIA THEREZA TOLEDO¹

Resumo: o presente artigo tem como objetivo discutir do ideal de amor romântico e as controvérsias entre este modelo e a vida afetiva contemporânea. O caminho percorrido aborda a diferença entre Romantismo e Ideal de amor romântico, destacando a importância da filosofia de Rousseau na origem deste ideal de amor. O amor também é discutido como um padrão veiculado pela cultura de massa, onde são expostas as ideias de autores críticos sobre a vigência deste ideal como prioritário, visando assinalar a construção histórica que, como tal, pode ser desalojada, dando lugar ao convívio com a diversidade de ideais.

Palavras-Chave: Romantismo; Ideal de Amor Romântico; Indústria Cultural; Cultura de Massa

Abstract: This article aims to discuss the ideal of romantic love and the controversies between this model and the contemporary emotional life. The path is about the difference between Romanticism and Ideal romantic love, highlighting the importance of the philosophy of Rousseau at the origin of this ideal of love. Love is also discussed as a standard propagated by mass culture, where they are exposed to the ideas of authors critical of the term of this ideal as a priority, in order to mark the historic building, as such, can be dislodged, leading to living with diversity of ideals.

Keywords: Romanticism; Ideal Romantic Love; Cultural Industry; Mass Culture.

¹ xx

Introdução

Ao observarmos as relações amorosas na contemporaneidade, nos deparamos com um cenário marcado por desencontros e queixas. Através das pesquisas sobre o tema, temos acesso a uma narrativa que ressalta a solidão, a instabilidade, o medo de entregar-se ao sentimento, ou seja, a um cenário no qual a vida amorosa é marcada pela tendência ao que não se “encaixa”.

Segundo os dados mais recentes do IBGE sobre o assunto, em 2010 a taxa de divórcio no Brasil atingiu seu maior patamar desde 1984. A mesma pesquisa mostra que o número de casamentos cresceu 5% entre 2010 e 2011. De acordo com a análise do IBGE, essa elevação é originada de transformações nos arranjos conjugais. Essas transformações impulsionaram recasamentos, que representaram 20,3% do total de uniões formalizadas em 2011, sendo que esse percentual era de 14,6% em 2010; e de 12,3% em 2006 (G1,2011). Percebemos que as uniões conjugais se apresentam, na prática, cada vez mais independentes da máxima “que sejam felizes para sempre”.

Goldenberg (2010) assinala que, na atualidade, homens e mulheres experimentam novos papéis em suas relações cotidianas. A autora aponta fatores importantes para a ocorrência dessas mudanças a partir da maior presença da mulher no mercado de trabalho, aumento do consumo e necessidades financeiras, movimento feminista, diminuição da fecundidade etc. Com a mulher assumindo novos espaços, antes ocupados somente pelos homens, elas tentam conciliar diferentes papéis como, por exemplo, os de esposa, mãe, dona de casa e profissional. “Elas criam novos desejos, novas ambições e novas culpas. Buscam novas experiências, brigam mais e, muitas vezes, sentem-se profundamente solitárias” (GOLDENBERG, 2010: 65-66).

Segundo Goldenberg (2010), o papel do homem também sofre modificações. A imagem do provedor e protetor, capaz de oferecer segurança no casamento não é mais suficiente em grande parte dos casos. Isso faz com que a identidade do homem, no que concerne à posição diante da mulher, torne-se incerta e fluida. Percebemos a existência de mudanças no cotidiano das relações amorosas entre homens e mulheres, com o surgimento de novas subjetividades.

Entretanto, apesar das estatísticas e pesquisas qualitativas sobre as relações afetivas, notamos que os modelos que servem de base para a construção dos relacionamentos, especialmente no que concerne à união conjugal, fazem da completude amorosa a mais nobre e importante característica a ser levada em consideração. Esses valores são alimentados pela Indústria Cultural e pela propaganda, fazendo do encontro amoroso um bem de primeira ordem, remetendo-o às imagens dos contos de fada.

Este artigo tem como objetivo discutir a disparidade existente, na contemporaneidade, entre o ideal de amor romântico, veiculado pela mídia, e a vivência das relações amorosas. Na atualidade o individualismo é intensificado pela cultura do consumo. A paixão pelo efêmero e a voracidade consumista repercutem na dinâmica das relações humanas, entrando em choque com alguns propósitos básicos do ideal de amor romântico, como a fidelidade e a duração eterna das uniões amorosas. Este ideal, entretanto, continua vigorando e de forma ainda mais enaltecida devido à queda dos ideais voltados para a coletividade.

Os embates entre o apego ao sentimento amoroso e o culto às sensações intensas produzem neste terreno uma fonte inesgotável de sofrimento à qual temos acesso através da observação comum. Nesse sentido, notamos o crescimento de uma literatura, nas últimas décadas do século XX, que aborda de forma crítica às exigências do ideal romântico. Autores como Rougemont (1988), Perrot (1991), Slater (1991), Bloom (1996), Lasch (1991), Lázaro (1996), e Costa (1998) denunciam a disparidade entre o que é prometido por este modelo de amor e as possibilidades concretas de realização.

Nossa proposta não é esgotar o assunto, mas instigar a discussão do tema, abordando a questão com base na diferença entre Romantismo e Ideal de amor romântico. O Romantismo, que será abordado especialmente a partir filosofia de Rousseau, foi uma das principais influências para a ascensão do ideal de amor romântico. Entretanto, este ideal se descola de alguns valores fundamentais do romantismo, transformando-se num bem de consumo. A ideia da alma gêmea, que sustenta o amor como o centro da felicidade humana, torna-se incompatível com outros valores e características da vida contemporânea. Dessa forma, nos vemos diante de um assunto cuja discussão se faz importante do ponto de vista social.

O Romantismo e o ideal amoroso de completude

O lugar que o amor passa a ocupar na dinâmica social e subjetiva do homem moderno está diretamente associado à mudança na caracterização e função da família dentro da sociedade burguesa, instituída no século XIX. Sabemos que antes de se estabelecer a concepção do homem como uma unidade autônoma, eram os valores coletivistas que regiam a conduta, os interesses e os sentimentos humanos. A ordem social, representada pela família patriarcal sobrepunha-se a possíveis objetivos individuais, e as preocupações com a realização pessoal eram subjugadas aos interesses da sociedade.

O processo de mudanças relativo à ascensão da ideologia individualista produz uma nova abordagem em torno do amor e, para compreendermos este mecanismo, é importante lembrar que a reorganização econômica repercute na vida moral através da construção de ideais que lhe são derivados. Nesse conjunto de transformações, ressaltamos a participação da filosofia rousseuniana, que tem seu desenvolvimento calcado numa proposta de valorização do amor e da família. Rousseau construiu o projeto para uma sociedade livre e igualitária, cuja base de sustentação seria o amor puro, que o homem é originalmente capaz de sentir. Ele foi um crítico feroz do tipo de relação engendrada pela configuração capitalista, onde a possibilidade de ascensão social passou a gerar competitividade e vaidade, impedindo a comunicação sincera e amistosa.

A crítica de Rousseau em relação ao quadro social de sua época localizava na vida social a origem de todo o mal. A natureza humana seria essencialmente boa e deveria, assim, ser resgatada para a construção de uma sociedade mais satisfatória. Rousseau, dessa forma, atribui importância fundamental ao processo educativo, que teria especialmente a função de impedir o crescimento do amor próprio e do sentimento de orgulho, considerado o pior vício que o ser humano pode adquirir.

A família representava, na perspectiva de Rousseau, a mola mestra da transformação social; através da família, os sujeitos seriam educados para o convívio

social baseado na liberdade e no bem comum. A educação é um tema de destaque no pensamento rousseauiano: se a sociedade havia corrompido a natureza humana, cabia ao processo educativo devolve-la à sua origem. Para que a família fosse capaz de proporcionar o desabrochar dos sentimentos naturais e bons, era necessária uma coesão baseada no amor. Starobinski (1991) assinala que, no mundo moderno, onde o patriotismo e a crença em Deus não guiam mais as atitudes humanas, o amor ocupa o lugar de ideal norteador das aspirações do homem. Mas para que sustentasse a coesão social, o amor enaltecido por Rousseau era especialmente o amor conjugal, que viabilizava a constituição da família. Isso porque o amor, enquanto puro sentimento – descolado de sua vivência - é efêmero e, assim, não poderia servir como solução para a vida em comunidade.

A família torna-se a única saída para que haja preocupação e vontade de sacrificar os próprios interesses em benefício dos outros. Segundo Rousseau, dentro da ideologia individualista em ascensão, se não fosse a família, a sociedade tornar-se-ia um amontoado de indivíduos preocupados com os próprios interesses.

A família idealizada por Rousseau traz a aliança entre sexo e amor. Era necessário que o sexo fizesse par com o amor para que a potência sexual rendesse bons frutos. É importante ressaltar que Rousseau, no que concerne à moderação e direcionamento da vida sexual, não utilizava um discurso imbuído, explicitamente, de coerção moral ou legal; suas ideias eram sustentadas com base na preocupação com o bem estar comum. Assim, fazer sexo fora de uma união amorosa, preocupando-se com valores como a conquista e o envaidecimento – ambos derivados do amor próprio - seria equivalente a afastar-se da essência humana. O exercício da sexualidade, aliado à experiência amorosa, deveria visar não só a própria felicidade, mas estar a serviço da felicidade alheia na vida em comum.

Alem disso, o lugar concedido à atração sexual dentro do casamento obedecia ao propósito de manutenção do laço conjugal. A proposta rousseauiana para a aliança entre os pares envolvia exclusividade e reciprocidade. Com o sexo fazendo parte do casamento, era mais fácil garantir a indissolubilidade desta união e a força transformadora da família. Com esse mesmo objetivo, Rousseau postulava também a

livre escolha dos parceiros amorosos. O casamento não mais deveria ser um contrato arranjado por interesses econômicos, e sim uma responsabilidade do próprio sujeito que escolhe. Este teria que selecionar realmente o que fosse melhor para si, preocupando-se em constituir um núcleo harmonioso da sociedade.

Convém ressaltar que, concomitante às prescrições romantizadas de Rousseau, a ordem econômica produz um tipo de família nuclearizada, onde os laços afetivos internos são potencializados, em função, principalmente, do novo lugar que os filhos passam a ocupar junto aos pais. Lasch (1991) assinala que, com a Revolução Industrial, pela primeira vez na história do ocidente os filhos são tratados como investimento para o futuro. A organização econômica em desenvolvimento impulsionava mais e mais a preocupação com a formação pessoal, necessária para a inserção no mercado competitivo. A intenção das famílias burguesas em conservar e ampliar o patrimônio as leva a investir na criança, percebendo-as como um bem precioso.

O sistema familiar burguês, que alcançou seu pleno florescimento no século XIX e agora parece estar decaindo lentamente, se apoiava no que os sociólogos denominaram ‘casamento de companheirismo’, centrado na educação doméstica das crianças, na emancipação ou quase emancipação da mulher e no isolamento estrutural da família nuclear em relação ao sistema de parentesco e à sociedade em geral. A família encontrou respaldo ideológico e justificação no conceito de vida doméstica como refúgio emocional em uma sociedade fria e competitiva. (LASCH, 1991: 28)

Através do sentimentalismo difundido, não só por Rousseau, mas pela totalidade dos autores românticos, o investimento financeiro transforma-se em investimento afetivo. A família nuclear torna-se, assim, como tão bem definiu Lasch (1991), “o refúgio num mundo sem coração”. É nessa direção que segue a proposta de Rousseau. As famílias deveriam formar a base ideal de uma comunidade e constituiriam, cada uma, o espaço sagrado onde a perfeita educação seria ministrada. Os sujeitos cresceriam para o amor, para uma perfeita união conjugal na maturidade e, conseqüentemente, a harmonia social viria por acréscimo.

Decerto que o ideal de amor romântico não é uma repercussão direta e exclusiva do pensamento rousseauiano, tendo sido influenciado por outras manifestações culturais e filosóficas ao longo do tempo. Citamos, por exemplo, o modelo difundido

por Shakespeare, a partir da história de Romeu e Julieta. Essa obra renascentista, apesar de produzida em período anterior à vigência do romantismo, é considerada um dos grandes paradigmas da experiência romântica de amor. Embora seja necessário esperar a “revolução romântica” do século XVIII para que o mito de Romeu e Julieta seja vivenciado como ideal de amor possível e desejado no mundo ocidental, um esboço desse ideal encontra-se aí refletido (LÁZARO, 1996).

Segundo Lázaro (1996), o que faz com que a história de Shakespeare possa ser lida como a formulação do mito do amor moderno é principalmente o fato de ali encontrarem-se tematizadas as tensões entre indivíduo e papel social, entre escolha e obediência à regra, fatores imprescindíveis para a compreensão do movimento que possibilita a ascensão do amor romântico como ideal.

Vemos, então, que na história de Romeu e Julieta o que importava era a tempestuosidade das emoções, em detrimento de qualquer outro valor social ou familiar. Já em Rousseau, presenciamos a valorização da família, apostando no amor como base para sua constituição; um amor vivido com harmonia e plenitude. Nesse sentido, Costa ressalta que “Rousseau criou operadores conceituais que permitiram a conversão de elementos até então rebeldes a qualquer tentativa de conciliação” (Costa, 1998:156). O autor refere-se à junção de amor, sexo, casamento e felicidade. Essa junção representou uma proposta de vida que atraiu a adesão das pessoas de forma nunca antes registrada na história.

O amor idealizado e propagado pela filosofia rousseuniana era um amor que deveria ser pleno, completo e veículo de felicidade. Mas o amor mais valorizado por Rousseau não foi o amor-paixão vivido e desejado pelos sujeitos de hoje. Ele acreditava na força do amor ponderado, que mesclava sentimentos mais intensos com o companheirismo e a amizade. Porém, ao indicar o amor como instrumento principal para a realização pessoal e para a boa convivência social, e, mais ainda, ao difundir um modelo de parceria amorosa calcado na complementaridade, Rousseau contribuiu imensamente para a instauração do ideal de amor romântico contemporâneo.

No cenário atual o casamento pode não mais representar a união indissolúvel entre um homem e uma mulher, mas o amor funciona como a razão primeira a partir da

qual os sujeitos se unem pelo laço conjugal. Mais ainda, o anseio à unidade absoluta alimenta o sonho de encontrar o amor perfeito, sem rupturas. A esse propósito, recorreremos a um comentário de Perrot, para quem Rousseau “redesenhou o mito de um andrógino espiritual” (PERROT, 1991: 116).

Amor e Cultura de Massa

Ressaltamos que a idealização do amor, facilitada pela difusão dos valores congregados por Rousseau, é inflacionada pelo sucesso do capitalismo e do crescimento econômico, aliado, cada vez mais, à ideologia consumista. Lázaro (1996) lembra que os processos de massificação e individualização são simultâneos e complementares no século XX; ao mesmo tempo em que a cultura de massa estratifica os desejos e projetos da população, ela vende o ideal da singularidade, da realização única e pessoal. Nessa dinâmica, o amor, como tema central da felicidade moderna, é presença obrigatória na propaganda e, especialmente, nas produções da indústria da cultura. O encontro da “alma gêmea” é veiculado de forma maciça como a solução para todos os males, e como o meio de acesso à singularização e à felicidade.

Capuzzo (1999), em trabalho dedicado a analisar as estratégias narrativas do drama romântico no cinema, observa que, ao longo do século XX, as mais diversas produções exibidas foram, em sua essência, variações em torno de um mesmo tipo de história de amor. O autor compara dois grandes sucessos de bilheteria da indústria cinematográfica, “...E o Vento Levou” (1939) e “Titanic” (1997), assinalando que a grande empatia despertada no público deve-se, em ambos os casos, à utilização habilidosa que fizeram Victor Fleming e James Cameron, respectivamente, do ideal de amor romântico.

Não se pode considerar Titanic como sendo apenas um filme catastrófico, da mesma forma que ...E o Vento Levou não é somente uma encenação de cunho histórico sobre a guerra da secessão. Ambos dialogam, intertextualmente, com o drama romântico, numa estranha e impactante simbiose. (CAPUZZO, 1999: 217)

É interessante notar que a estrutura narrativa dos filmes Hollywoodianos, conforme indica Capuzzo, é invariavelmente construída a partir de componentes como o

conflito do par central com o seu habitat, a existência de uma série de obstáculos que se interpõem à felicidade do casal, e o recorrente uso do devaneio, da evasão para outro espaço e tempo. Além disso, observamos que o inventário temático do drama romântico desenvolvido no cinema relativiza valores de ordem moral e ética, priorizando a urgência e intensidade do encontro amoroso.

É importante assinalar que as relações entre uma dada produção cultural e a ordem socioeconômica envolvem sempre muita complexidade. Os ideais românticos, que nasceram sob um clima de protesto anticapitalista, servem, ao mesmo tempo, aos interesses da cultura de consumo, através de veículos como o cinema americano e a propaganda. A Indústria cinematográfica apoderou-se, cada vez mais, da força de persuasão contida nesses ideais, e, associando isso ao imprescindível happy-end (CAPUZZO, 1999), tem ajudado a solidificar a crença de que o amor realiza-se num encontro pleno, possível a todos.

Em relação à indústria do entretenimento, não podemos deixar de mencionar, dentro da realidade brasileira, as novelas, especialmente as da Rede Globo de Televisão. Maia (2007) atribui também à televisão importante papel na formação de mercados homogêneos: ela seria uma fonte de atualização do indivíduo com o seu tempo, inspirando e difundindo padrões de comportamento, consumo e opinião.

As imagens de TV, cada vez mais em alta resolução, propõem-se a levar a própria realidade para dentro das casas. Somos todos embarcados (por vontade própria, ou não?) na ilusão de que tudo que vemos na “telinha” é verdade – já que programas de entretenimento, novelas e filmes, revezam-se com os jornais que se propõem a registrar a realidade -, esquecendo-nos, muitas vezes, de que televisão é mediação (MAIA,2007).

A autora ressalta que os seres humanos agem a partir dos significados que lhes são atribuídos pela mídia. Através da representação, construções identitárias adquirem sentido. E “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade (MAIA, 2007)”. Convém lembrar que as construções identitárias englobam desejos, anseios e parâmetros através dos quais os sujeitos mensuram suas realizações.

Lembremos que o amor romântico de hoje, que a indústria cultural traduz e, ao mesmo tempo, impulsiona, é vivido de uma forma bem diferente daquela idealizada por Rousseau. O amor preconizado pelo romantismo era associado a finalidades altruístas, constituindo a base de um projeto de transformação social. O amor era indissociável de laços familiares fortes e duradouros, e representava a construção de uma parceria de ternura e companheirismo. Mais ainda, o amor levava em conta a preocupação com o outro e com o bem social.

Essa perspectiva é abandonada pelos sujeitos contemporâneos. A revolução sexual dos anos 60, que, além da liberdade sexual, viabilizou a emancipação feminina, contribuiu para destituir a família do lugar privilegiado para a expressão amorosa. A manutenção do laço conjugal e a educação dos filhos para uma sociedade justa e igualitária deixam de ser interesses correlatos à vivência amorosa. A ordem social, apoiada cada vez mais no consumo e no narcisismo, ofusca a consideração com o outro, que passa a servir, especialmente, como objeto da satisfação consumista.

Mas o amor continua a ser um ideal; a realização amorosa representa uma opção sedutora, prometendo uma felicidade duradoura no mundo das satisfações descartáveis. O que observamos, porém, é que o amor se descola de um projeto mais amplo, onde outros valores estão envolvidos, e passa a ser exaltado em função do próprio sentimento.

Sem a força dos meios tradicionais de doação de identidade – família, religião, pertencimento político, pertencimento nacional, segurança de trabalho, apreço pela intimidade, regras mais estritas de pudor moral, preconceitos sexuais, códigos mais rígidos de satisfação sensual, etc. – restou aos indivíduos a identidade amorosa, derradeiro abrigo num mundo pobre em Ideais do Eu (COSTA, 1999: 20)

A felicidade prometida pelo ideal de amor romântico atual reside especificamente no encontro da “outra metade” e na experiência de êxtase do apaixonamento. O modelo vigente de amar conserva a ideia de que o amor é o centro da felicidade e mantém o sonho de viver uma relação de completude. Porém, esse ideal torna-se distante na medida em que faz da paixão o único sustentáculo de uma união que deve ser eterna.

Além disso, o exercício de idealizar o encontro amoroso afasta ainda mais a possibilidade real desse encontro, já que a realidade nunca vai corresponder à totalidade das expectativas fantasiadas. O amor fica, assim, cada vez mais circunscrito numa atmosfera nostálgica, onde se busca uma referência amorosa que, na realidade, nunca foi experimentada. Uma vez que haja a tão sonhada união, o convívio a dois, que implica tolerância com as imperfeições do outro, não pode cumprir a promessa de felicidade plena e contínua. Nesse sentido, Jablonski observa que o amor tornou-se, ao mesmo tempo, “fator de união e desagregação do casamento contemporâneo” (JABLONSKI, 1988: 83).

Valores como confiança, comunhão de ideias, cumplicidade, etc. apresentam-se como opostos do amor-paixão, e não como agregados, conforme propunha Rousseau. Sabemos que a união conjugal, na época de Rousseau, não era sempre fonte de harmonia e felicidade. Desde que a cultura romântica, atrelada aos interesses individualistas, propaga o amor como fonte primeira de realização, o contraste entre ideal e realidade produz sofrimento. Entretanto, a filosofia de Rousseau acenava com uma proposta viável, já que o amor, que deveria sustentar uma relação duradoura, não se reduzia à efemeridade da paixão.

Já no contexto atual, amor e sofrimento parecem estar, necessariamente, associados. Jurandir Freire Costa abordou o tema extensamente, denunciando a naturalização de invenções culturais, o que provoca a aceitação de modelos construídos sem a possibilidade de questioná-los. O estudo realizado por Costa sobre o amor surgiu como subproduto de uma pesquisa sobre a sexualidade. Um dos principais objetivos da pesquisa era questionar, junto a jovens e adolescentes, o efeito da supersaturação da temática sexual nos meios de comunicação (COSTA, 1999). Porém, o que despontou como preocupação fundamental, a partir da coleta de dados, foram os impasses relativos à vida amorosa e não à sexualidade. Os relatos, de uma forma geral, apresentavam o amor como o centro das expectativas, mas também como fonte inesgotável de conflitos.

Costa observa que, embora o amor seja cultuado, a ideologia atual preconiza, ao mesmo tempo, o consumo ilimitado de sensações prazerosas, sustentando o lema: “busque o seu lugar numa sociedade de ofertas múltiplas, encontre seu produto favorito

no supermercado de sensações” (COSTA, 1999:123). O imperativo do prazer opõe-se à tolerância e à capacidade para lidar com frustrações inerentes a todo tipo de relacionamento. Isso dificulta a manutenção das relações amorosas, uma vez que a paixão dissocia-se dos sentimentos ternos. Como resultado, o outro passa a ser visto com desconfiança e a crença na possibilidade real de ser amado fica abalada. Porém, a ideia de que o amor é o bem supremo a ser alcançado continua inatingível e o desejo de perpetuar a ligação amorosa não se rende às adversidades.

Nesse contexto, qualquer frustração é experimentada como incapacidade pessoal, já que o amor romântico é apresentado como manifestação espontânea da natureza humana.

Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar. Da mesma forma que o sexo religioso ou médico-científico normatizou as experiências de prazer do sujeito, criando divisões entre o moral e o imoral, o normal e o anormal, o amor-paixão romântico encampou a ideia de felicidade emocional, criando seus párias e cidadãos de primeira classe. (COSTA, 1998:34-35)

Quando uma pessoa não se encontra adequada ao modelo de relacionamento apaixonado e feliz, que é propagado pelo ideal de amor romântico como algo tão facilmente ao alcance de todos, isto é percebido, quase sempre, como incapacidade ou infortúnio particular, mas nunca como produto de um ideal distante da realidade. O ideal romântico de amor, veiculado incansavelmente pelos meios de expressão da cultura de massa, oferece o modelo de amor caracterizado pelas relações de exclusividade e de plena comunhão entre os parceiros, o que dificilmente corresponde às possibilidades reais de relacionamento.

Costa (1998) assinala essa problemática como um sintoma manifesto por uma sociedade construída sob a égide de um ideal tirânico, impossível de ser alcançado, mas alimentado por todos. Nessa perspectiva, ele constrói fortes críticas ao ideal de amor romântico, comparando-o com as mais cruéis manifestações totalitárias ao longo da história do ocidente.

As exigências da felicidade romântica, vistas de perto, são tão ou mais despóticas do que a maioria dos ideais de autoperfeição que o ocidente inventou. Nem os ideais de bravura, coragem, santidade, virgindade espiritual, castidade corpórea, quietismo, apatia ou outros ousaram pedir tanto de seus crentes, fiéis discípulos ou praticantes. A Razão, a Sabedoria, Deus, a Dama, a História, a Democracia souberam ser mais clementes com a fragilidade de que somos feitos. (COSTA, 1998: 98)

Quando o amor romântico se estabeleceu como norma de conduta emocional, ele representava um ponto de equilíbrio entre o desejo de realização pessoal e o compromisso com ideais sociais; o amor estava inserido num projeto que visava o bem comum. Hoje, diante da ausência quase total de ideais coletivos, o ideal de amor intensificou seu domínio, afirmando-se praticamente como o único anseio, nos moldes da realização individualista. Assim, Costa assinala que o ideal amoroso persiste, “insistindo em ser o mesmo num mundo que se tornou outro” (COSTA, 1999: 18). Isso produz novas contradições e dificuldades. O impasse presenciado na atualidade entre o culto às satisfações imediatas e o ideal de amor eterno concorre para exacerbar este ideal, que passa a representar o refúgio dentro de um mundo de experiências fugazes.

A cultura das sensações fortalece a idealização do amor e enfraquece a possibilidade de sua realização prática. Nesse contexto, o amor deve oferecer o êxtase passional, dentro de um projeto de satisfação plena, que dure para sempre. Entretanto, o dia-a-dia transcorre de forma muito distante da publicidade hollywoodiana, e o que observamos é “um mundo hipnotizado pela obsessão amorosa” (COSTA, 1999: 134).

Para o autor, não se trata simplesmente de criticar a paixão, enaltecendo o amor mitigado, que permite uma experiência amorosa mais “tranquila”. O que se faz necessário é denunciar a incongruência própria ao ideal de amor contemporâneo. A partir do culto às sensações, os sentimentos ponderados e ternos tornaram-se adversários das emoções intensas. Consequentemente, a imposição, ao mesmo tempo, dessas duas possibilidades afetivas, constitui uma exigência contraditória. Assim, os valores que regem a conduta humana na atualidade entram em choque com as exigências românticas e a vivência amorosa parece fadada ao sofrimento.

Slater (1991) ressalta o papel dos hábitos familiares na produção de afetos voltados para o ideal romântico. Os laços afetivos entre pais e filhos, característicos da família nuclear ocidental, perpetuam a idealização amorosa romântica, na medida em que são construídos com base na intensidade e exclusividade próprias da paixão. A criança ocupa um lugar extremamente privilegiado no desejo dos pais, responsável por gerar um modelo de satisfação pessoal que faz com que ela busque, pelo resto da vida, um simulacro dessa relação exclusiva.

Navarro Lins (2012) estudiosa do tema, afirma que:

Esse tipo de amor é calcado na idealização do outro e prega a fusão total entre os amantes, com a ideia de que os dois se transformarão num só. Contém a ideia de que os amados se completam, nada mais lhes faltando; que o amado é a única fonte de interesse do outro (é por isso que muitos abandonam os amigos quando começam a namorar); que cada um terá todas as suas necessidades satisfeitas pelo amado, que não é possível amar duas pessoas ao mesmo tempo, que quem ama não sente desejo sexual por mais ninguém. (NAVARRO LINS, 2012: 59).

A questão, segundo a autora, é que este tipo de amor não se sustenta na convivência cotidiana, porque somos obrigados a enxergar o outro com aspectos que nos desagradam. É impossível perpetuar a idealização. Aí surge o desencanto, o ressentimento e a mágoa.

Conclusão

O ponto central desse artigo foi discutir o ideal de amor romântico enfatizando da inadequação deste ideal – tal como é veiculado pela cultura de massa - frente às outras demandas e valores da vida contemporânea ocidental. Mas não se trata de efetuar apenas uma crítica a este modelo. Questionar o ideal de amor romântico significa duvidar da naturalidade e universalidade dessa forma de sentimento. A convicção de que o amor é um dom gratuitamente oferecido pela natureza; de que corresponde a um sentimento incontrolável e representa a condição imprescindível para a felicidade nega o caráter histórico-cultural desse sentimento. A forma de amar que se estabeleceu no ocidente é uma construção decorrente de transformações sociais, interesses econômicos e produções filosóficas.

Assim, criticar as exigências do ideal de amor romântico implica demonstrar a contingência deste ideal, que é uma invenção entre tantas outras. A ideia de felicidade, dessa forma, pode abranger outras formas de experiência amorosa, englobando outros interesses passíveis de investimento, além da realização sentimental romântica. Assumir essa postura questionadora significa tomar o modelo de amor romântico como uma crença opcional, e não necessária. Sabemos que um conjunto de produções científicas não modifica padrões com os quais a sociedade se identifica há anos. Mas trazer ao debate o choque entre a cultura do ideal romântico de amor e a experiência das sensações efêmeras, ambas balizadoras da experiência contemporânea, abre espaço para reflexões que podem, aos poucos, ajudar a desconstruir alguns aspectos do ideal que atuam de forma opressora.

Também não está em questão idealizar um mundo sem espaço para o amor, sem o laço afetivo entre pares. Mas é importante assinalar a infelicidade gerada dentro de uma ordem social onde qualquer outro objetivo de vida está subordinado ao ideal de realização afetiva da paixão amorosa. Essas são as regras da nossa cultura, através das quais aprendemos a amar desde crianças. Nessa perspectiva, vale ressaltar que o ideal de amor romântico não é apenas veiculado através dos meios de comunicação de massa, associado ao *happy-end* americano. Somos ensinados, desde a mais tenra idade, a amar romanticamente, a partir da valorização desse sentimento como um bem que se sobrepõe a qualquer outro e que requer, naturalmente, exclusividade e reciprocidade contínua. Trata-se, na verdade, do jogo de espelhos inerente à cultura: a comunicação de massa reproduz o desejo e as experiências humanas e, ao fazê-lo, torna-se o mais poderoso veículo para cultivá-los e reinventá-los.

Criticar a idealização do amor-paixão romântico significa incentivar outras invenções subjetivas, viabilizando a construção de modelos de vida sentimental mais satisfatórios. Significa apostar no convívio da diversidade de ideais, o que os torna menos opressivos. Esta é, inclusive, uma sábia orientação de Freud (1930) ao analisar o mal-estar na civilização: devemos agir, na esfera afetiva, como um negociante cauteloso, que evita aplicar todo o seu capital num só negócio. Enfim, colocar em questão as exigências do ideal de amor vigente pode ser um ponto de partida para novas

possibilidades de realização, talvez mais condizentes com as nossas fragilidades, e que tragam novas soluções para as dificuldades intersubjetivas que caracterizam o cenário contemporâneo.

Referências

- BLOOM, A. *Amor e Amizade*. São Paulo, Mandarim, 1996.
- CAPUZZO, H. *Lágrimas de Luz – o drama romântico no cinema*. Belo Horizonte, UFMG, 1999.
- COSTA, J. F. *Sem Fraude Nem Favor – estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- _____. *Razões Públicas e Emoções Privadas*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- FREUD, S. (1930) O Mal-Estar na Civilização. *ESB* Vol. XXI Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- GLOBO.COM/G1. Número de divórcios no Brasil é o maior desde 1984, diz IBGE. Novembro de 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/numero-de-divorcios-no-brasil-e-o-maior-desde-1984-diz-ibge.html>. Acesso em abril de 2013.
- GOLDENBERG, M. *Intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- JABLONSKI, B. *Até que a Vida nos Separe: a Crise no Casamento Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Agir, 1988.
- LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração – A família: Santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- LAZARO, A. *Amor do Mito ao Mercado*. São Paulo, Vozes, 1996.
- MAIA, A. S. Telenovela Projeção, identidade e identificação na modernidade líquida. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Agosto de 2007. Disponível em <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/174/175>. Acesso em abril de 2013
- NAVARRO LINS, R. *O livro do amor Vol. 2 – do iluminismo à atualidade*. Rio de Janeiro, Best Seller, 2012.
- PERROT, M. Funções da família in *História da Vida Privada Vol. IV*. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.
- ROUGEMONT, D. *O Amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988

ROUSSEAU, J. (1978) – *Rousseau – Coleção Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1990.

SLATER, P. (s/d) *The Pursuit of Loneliness The Philosophy of (Erotic) Love* Solomon e Higgins (org.) Kansas, University Press of Kansas, 1991;

STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau – A Transparência e o Obstáculo*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1991.

TOLEDO, M. T. *Psicanálise: a clínica do amor – Um estudo sobre a relação entre o Ideal de amor romântico e a criação do saber psicanalítico. Tese de Doutorado*, PUC-RIO, 2002.